

e Drama

O Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra) reúne antropólogos em busca de saberes associados às artes performativas, e pesquisadores das artes interessados em antropologia. Trata-se de um dos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). Merece destaque a participação, como membros do Napedra, de professores, alunos e artistas do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA/Unicamp), e de outras pessoas ligadas ao teatro e artes de performance¹.

Tal como outros grupos, o Napedra não deixa de ter uma história originária. Em 1999, como um dos desdobramentos de sua tese de livre-docência², o Prof. John Cowart Dawsey, coordenador do núcleo, propôs como optativa no PPGAS uma nova disciplina, Paradigmas do Teatro na Antropologia, que vem sendo oferecida regularmente desde então. Em 2001, a partir da iniciativa de um grupo de alunos interessados em explorar uma série de questões além do âmbito disciplinar, junto ao professor, surgiu o Napedra. Decidimos aprofundar nossos estudos nas interfaces de antropologia e performance, alternando estudos de textos relevantes à antropologia da performance com experiência em campo de eventos performáticos.

Em campos acadêmicos e artísticos, o conceito de performance adquire formas variadas, cambiantes e híbridas. Há algo de não resolvido neste conceito que resiste às tentativas de definições conclusivas ou delimitações disciplinares. Aquém ou além de uma disciplina, ou, até mesmo, de um campo interdisciplinar, os estudos de performance se configuram como uma espécie de anti disciplina³. A partir de di-

ferentes campos do saber e expressão artística – desde o teatro e as artes performativas, à antropologia, sociologia, psicanálise, lingüística, pesquisas sobre folclore, e estudos de gênero – formula-se o conceito de performance⁴.

Na antropologia da performance, duas abordagens freqüentemente ganham forma e se destacam, uma mais próxima à lingüística (John Austin, Dell Hymes, Richard Bauman, ...), e outra ao teatro (Victor Turner, Richard Schechner, ...). No percurso da maioria dos membros do Napedra, observa-se a força gravitacional exercida por um conjunto de leituras associadas, particularmente, à segunda abordagem, nas interfaces de antropologia e artes cênicas.

As afinidades eletivas entre o pensamento teatral e o fazer antropológico merecem atenção. O modo como Roland Barthes define o teatro é propício. Trata-se, diz ele, de uma atividade “que calcula o lugar olhado das coisas”. Essa definição também é boa para se pensar a antropologia. Ao produzirem conhecimento a antropologia e o teatro provocam um deslocamento do lugar olhado das coisas. Suscitam estranhamento. Conduzem o ator, também pesquisador, a uma experiência de alteridade. Brincam com o perigo. A etimologia da palavra teoria é a mesma do teatro, “ato de ver”. O modo como a antropologia elabora suas teorias muito tem a ver com os saberes desenvolvidos nas artes cênicas. A fórmula que Lévi-Strauss descobre em Rousseau – “eu é um outro” – que serve como princípio para a antropologia, tem afinidades marcantes com a experiência do ator.

Antropólogos muito têm a aprender com as artes cênicas. Com elas descobrimos algo sobre papéis sociais. E, principalmente, sobre a interrupção de papéis. Iluminam-se processos

associados à construção da personagem e da pessoa, ou persona – uma palavra que evoca a idéia de máscara. Aprendemos sobre as relações entre máscara e corpo. Nos deparamos com a primazia do corpo. O corpo tem razões que a própria cultura desconhece. Partindo da idéia de que os sentidos do mundo se formam através dos sentidos do corpo, a antropologia não deixa de ser uma atividade que calcula o lugar “sentido” das coisas.

Com as artes cênicas exploramos dimensões dramáticas da vida social. E os modos como dramas sociais se relacionam com dramas rituais e estéticos. A arte imita a vida tanto quanto a vida imita a arte. Acima de tudo, nos deparamos com o humano capaz de surpreender-se a si mesmo. Chama atenção suas contradições. Sua estranheza. O humano causa espanto. Seriam as culturas algumas das histórias mais insólitas que a natureza conta para si sobre ela mesma?

O Napedra tem sido pioneiro em estudos de performance na antropologia brasileira. Através de teses, dissertações, artigos e livros, estamos contribuindo para a formação de um campo de pesquisa. Organizamos os primeiros fóruns de pesquisa e grupos de trabalho em estudos de performance nos encontros nacionais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Organizamos eventos internacionais. Estabelecemos vínculos com a New York University e outros centros de estudos de performance. Em 2008, foi aprovado pela Fapesp nosso projeto temático, “Antropologia da Performance: Drama, Estética e Ritual”⁵.

O projeto temático surge como um desdobramento da própria história do Napedra, num momento de articulação entre diversos grupos de pesquisa no Brasil voltados aos estudos de performance, com destaque à inclusão, como membros do Napedra, de professores e alunos

do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA/Unicamp). Nessa interface, onde encontram-se pesquisadores do IA/Unicamp, que aprofundam o seu diálogo com a antropologia, e os do PPGAS/USP, que buscam conhecimentos em estudos de performance, configura-se uma proposta de projeto temático. O processo interdisciplinar de elaboração deste projeto temático evoca o próprio surgimento da antropologia da performance, nos anos de 1960 e 1970, quando Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz a sua aprendizagem antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz do teatro. De início, observa-se uma afinidade entre o grupo do IA e os membros originários do Napedra: a elaboração de uma constelação bibliográfica em torno dos estudos de performance de Victor Turner e Richard Schechner. Trata-se de um dos pontos luminosos de um universo de pesquisa descentrado e em expansão. Os projetos individuais apresentados no projeto temático podem ser vistos como desdobramentos, ou ecos criativos, do diálogo entre Schechner e Turner. Apresentam-se como tranças - uma das noções sugestivas de Schechner - reunindo e, até mesmo, tensionando linhas de estudo a respeito de drama, estética e ritual. São estas as três linhas mestras a partir das quais o projeto temático se constitui. Trata-se de diferentes perspectivas para análise de fenômenos de performance. Através do debate interdisciplinar que aqui se propõe procura-se contribuir para a formação de um campo de pesquisa.

Como nota final, observa-se a variedade dos temas e gêneros performativos abordados nos projetos individuais, incluindo teatro, música, dança, cinema, festas, cultos, júris, rituais, escolas, narrativas, paródias de gênero, movimentos sociais, manifestações étnicas e encenações da vida cotidiana. Nos projetos do coordenador e de alguns dos outros pesquisadores do Napedra

enuncia-se um propósito específico: repensar a antropologia da performance (e da experiência) desde os escritos de Walter Benjamin⁶. E, na formulação embrionária de uma antropologia benjaminiana, repensar os paradigmas do teatro do campo⁷. Acima de tudo, o que move os participantes do Napedra são as perspectivas de explorar um universo em expansão de estudos de performance.

Notas

1. Ressalta-se a participação da Profa. Regina Polo Muller (IA/Unicamp), vice-coordenadora do Napedra e uma das precursoras de estudos de antropologia da performance no Brasil.
2. Dawsey, John C. *De que riem os "bóias-frias"? Walter Benjamin e o teatro épico de Brecht em carrocerias de caminhões*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, FFLCH/USP, 1999. 235f.
4. Esta é a posição de Joseph Roach e Dwight Conquergood, que foram diretores, respectivamente, dos programas de estudos de performance de New York University e Northwestern. Cf. CARLSON, Marvin. *Performance: a critical introduction*. London and New York: Routledge, 1999, p. 189.
5. Alguns nomes logo vêm à mente: Erving Goffman (sociologia); Victor Turner e Milton Singer (antropologia); Richard Schechner (teatro e antropologia); Richard Bauman (estudos de folclore, arte verbal, e antropologia); Judith Butler (estudos de gênero); John Austin, Dell Hymes e Charles Briggs (lingüística e etnolinguística); Paul Zumthor (literatura oral); J. L. Moreno (psicodrama), et al. Chamam atenção, ainda, os estudos em etnocenologia de Jean-Marie Pradier. Quanto ao teatro e às artes performativas, seria preciso retomar a história (e pré-história) das vanguardas artísticas do século vinte: cubismo, surrealismo, e dada; teatro de Bertolt Brecht, Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, e Eugenio Barba; música de John Cage; dança de Isadora Duncan e Ann Halprin; "happenings" de Allan Kaprow; teatro de rua; guerrilha teatral feminista e WITCH (Women's International Terrorist Conspiracy from Hell). Na antropologia a literatura é extensa. Além de alguns dos nomes acima citados, seria preciso mencionar outros: Marcel Mauss (referência clássica para estudos de técnicas corporais e noção de pessoa); Clifford Geertz (antropologia interpretativa inspirada em noções de "dramatismo" e "ação simbólica" de Kenneth Burke); Marshall Sahlins (referência para a distinção entre estruturas "prescritivas" e "performativas"); Stanley Tambiah (estudos de rituais); John Blacking (antropologia do corpo e antropologia da música); Anthony Seeger e Alan Merriam (antropologia da música); Anya Royce e Judith Hanna (antropologia da dança); Edward Bruner e Barbara Kirshenblatt-Gimblett (antropologia do turismo); Joel Sherzer, Dennis Tedlock, Ruth Finnegan, Jack Goody, Walter Ong e Jan Vansina (etnopoética e literatura oral); Peter McLaren (rituais e educação); et al. Estudos que se inspiram em noções de jogo, brincadeira e enquadramentos lúdicos (*play frames*) também são relevantes: Gregory Bateson, Mikhail Bakhtin, Johan Huizinga, Roger Caillois, Brian Sutton-Smith, et al. Observa-se que os escritos de Kenneth Burke, mencionados acima em parênteses, inspiram não apenas a abordagem de Geertz, mas, também, as de Turner, Goffman e Bauman.
6. Processo Fapesp no. 06/53006-2.
7. Na perspectiva de Victor Turner, a antropologia da performance faz parte de uma antropologia da experiência. Em seu concurso para professor titular da Universidade de São Paulo, realizado em 2007, John Dawsey apresentou uma aula magna sobre antropologia da performance em registro benjaminiano (cf. Dawsey, J. C. Sismologia da performance: ritual, drama e play. *Revista de Antropologia*, v. 50, n. 2, 2007 – no prelo).
8. Nesses desafios ouvem-se alguns dos ruídos e remoinhos dos escritos de Michael Taussig.

COORDENADOR	Prof. John Cowart Dawsey (USP)
VICE-COORDENADORA	Profa. Regina Polo Muller (Unicamp)
PESQUISADORAS ORIENTADORAS	Profa. Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer (USP), Profa. Francirosso Campos Barbosa Ferreira (Unicamp/prodoc), Profa. Marianna Francisca Martins Monteiro (Unesp), Profa. Rose Satiko Gitirana Hikiji (USP)
PÓS-DOCTORANDOS	Ana Lucia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha, Nilce da Penha M. Panzutti, Rubens Alves da Silva
DOCTORANDOS	André-Kees de Moraes Schouten, Camila Camargo Vieira, Carolina de Camargo Abreu, Celso Vianna Bezerra de Menezes, Danilo Paiva Ramos, Eduardo Néspoli, Giovanni Cirino, João Luis Uchoa de Figueiredo Passos, Luciana de Fátima Pereira de Lyra
MESTRES E MESTRANDOS	Adriana de Oliveira, Alice Villela, Ana Goldenstein Carvalhaes, Beatriz Tomassi, Kelen Pessuto, Marcos Vinicius Malheiros Moraes
GRADUANDOS	Ana Letícia de Fiori, Bruno Grecco, Flavio Pontes Rodrigues da Silva
COLABORADORES EXTERNOS	Eufrázia Cristina Menezes Santos (UFS), Maria Mommensohn, Rita de Cássia Almeida Castro (UnB), Robson Corrêa de Camargo (UFG), Vanilza Jacundino Rodrigues, Yaskara Manzini
SÍTIO ELETRÔNICO	www.fflch.usp.br/da (Núcleos de Pesquisa/NAPEDRA)
CONTATO	55 11 3091-3045
CORRESPONDÊNCIA	Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) Rua do Anfiteatro, 181, Conjunto Colméia, Favo 10 CEP 05800-900 São Paulo, SP, Brasil